

Pesquisa em Debate

**CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS SOBRE OS MAXAKALIS
DA ALDEIA VERDE EM LADAINHA – MG**

**HISTORICAL AND CULTURAL CONSIDERATIONS ABOUT MAXAKALI OF
VILA VERDE IN LADAINHA – STATE OF MG**

Taís Cangussu Galvão Alves

Aluna da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM

Marivaldo Aparecido de Carvalho

Professor da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM

Resumo

O Povo Indígena Maxakali, ou Povo do Canto, que hoje encontra-se dividido em quatro aldeias situadas no Vale do Mucuri, Minas Gerais, é apontado por vários pesquisadores como uma das poucas tribos do Nordeste Mineiro que conservou aspectos consideráveis de sua cultura. Originários da Região Sudeste da Bahia, este grupo refugiou-se nas matas do Mucuri a partir do avanço da sociedade dominante. Na concepção religiosa Maxakali, a mata e os diversos elementos que a compõem constroem, juntamente com o sobrenatural, as suas concepções de mundo. O universo Maxakali apresenta uma forma diferente, da “nossa forma ocidental”, de relação com a natureza. Apoio FAPEMIG (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais).

Palavras-Chave: Maxakalis, Vale do Mucuri, Natureza, Território, Colonização.

Abstract

The Maxakali Indigene People, or The Song People, that today is divided in four indian villages located in the Mucuri Valley, Minas Gerais, are indicated from several researchers as one of the few indigenes groups in the Minas Gerais Northeast, that have conserved relevant aspects of their culture. Originated from Southeast Bahia, this group took refuge in the Mucuri forest since the advance of dominated society. In the Maxakali religious concepts, the forest and several elements that are their components compose, together with the supernatural, the world concepts inside the village, justifying the individuals and collective actions. In this way, the Maxakali universe presents a different form, from ‘our occidental form’, of nature relation. This study had financial support from FAPEMIG – Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

Keywords: Maxakalis, Mucuri Valley, Nature, Territory, Colonization.

A colonização dos vales do Jequitinhonha e Uucuri e a resistência dos povos nativos.

Os vales do Jequitinhonha e do Mucuri são duas regiões situadas ao norte e nordeste de Minas Gerais abrangendo também Espírito Santo e a Bahia, que ao fim de Séc. XVIII e início do Séc. XIX eram povoadas por várias tribos indígenas, que viviam nas matas ainda intocadas pelos colonizadores. Os pesquisadores europeus que percorreram a região após a abertura dos portos foram os que produziram os primeiros relatos do ambiente e do modo de vida destas populações, a partir de uma visão etnocêntrica¹.

É comum encontrar nos relatos de alguns destes viajantes, a discussão sobre a humanidade ou não destes índios, expressando assim a idéia de superioridade da sua cultura e afirmando o modelo europeu de civilização como o único realmente humano e que deveria ser seguido. O processo de colonização destas regiões teve suas especificidades, mas havia um ponto em comum: os indígenas eram vistos como obstáculos que deveriam ser superados através de uma política indigenista agressiva. Com a independência do país, a violência para com as populações indígenas foi intensificada a partir do projeto de construção da nacionalidade, através da tentativa de homogeneizar a língua, a religião e a cultura, para que fosse consolidado o Estado Brasileiro, também nos sertões do leste.

A colonização do Vale do Jequitinhonha se deu a partir do Séc. XVIII, tendo como principal atividade econômica a extração mineral, o que acabou exigindo grande número de escravos, que somados a aventureiros em busca de ouro e diamantes, fizeram com que a região apresentasse uma densidade demográfica relativamente grande. Neste sentido os povos indígenas que ocupavam a região tiveram que lutar de forma desigual com a frente exploratória, refugiar-se em outros territórios, como o Vale do Mucuri, ou submeter-se ao trabalho compulsório.

O que aconteceu, porém, foi o trucidamento daqueles que resistiram de

¹ MISSAGIA MATTOS, Izabel. *Civilização e Revolta: Os Botocudos e a catequese na província de Minas*. Bauru, EDUSC, 2004, p. 12

forma direta, ou mesmo que submissos ousaram permanecer na região.

Já o Vale do Mucuri foi colonizado tardiamente, também de forma violenta, porém em condições diferentes. Esta região esteve isolada até metade do Séc. XIX devido a vários motivos, como o insucesso na busca de ouro, o que fez com que a rota para a entrada no Sertão fosse abandonada, além da proibição por parte do Estado, da abertura de novas minas. Somente a partir de 1808, quando aconteceu a diminuição da quantidade de ouro extraído nas regiões auríferas, é que ocorreu de fato o investimento do Estado na colonização do Vale do Mucuri, com o intuito de adquirir novas formas de sustentação econômica. A região despontou como a solução para a crise que a colônia passava no momento, pois apresentava ampla possibilidade de exploração.

Neste período surge o mito do índio Botocudo antropofágico, que era tido como cruel, selvagem, e que deveria ser exterminado. O Estado determinou, através de Carta Régia, a Guerra Justa contra os Botocudos, e o incentivo à colonização, alienando as terras dos indígenas; estes passaram a ser oferecidos pelo Estado como mão de obra gratuita.

Em 1847 surge um novo projeto de colonização, com a criação da Companhia de Colonização e Comércio do Mucuri, sob a direção de Teófilo Benedito Ottoni. O projeto visava principalmente viabilizar o escoamento dos produtos através da comunicação entre a nascente e a foz do Rio Mucuri, porém era preciso inovar a política indigenista que vinha sendo efetuada.

A proposta de Teófilo Ottoni era a de intensificar o aldeamento dos indígenas e introduzir nestes a prática da agricultura. Acreditava-se que a agricultura era uma vocação natural da humanidade, os indígenas só não a realizavam pela ausência de instrumentos e de incentivos. A proposta da companhia era então de aldear, sedentarizar e civilizar as populações para que fossem reduzidos os conflitos e houvesse sucesso no empreendimento, o que de fato mesmo que com alguns problemas aconteceu.

Agora a prioridade política não era combater os índios, mas aldeá-los e civilizá-los, o que significa sedentarizá-los, ensinar-lhe a falar o português e o catolicismo. Essa vertente política era perfeitamente ajustada aos interesses econômicos da

classe dominante: liberar terras para a colonização e preparar mão-de-obra².

Após denúncias de alguns viajantes, como o de Avé-Lallemant (1961), a respeito da postura autoritária de Ottoni, como a imposição de trabalho escravo de chineses e de insalubridade e estado de pobreza dos colonos entre outras coisas, veio acontecer a falência da Companhia do Vale do Mucuri.

O Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas passando a trabalhar no sentido de acelerar a expansão da agricultura e do comércio do país, após a falência da Companhia do Vale do Mucuri, passou a conceder melhores possibilidades aos colonos na expansão de seus territórios. Mais uma vez notou-se o surgimento de conflito e repressão para com os povos indígenas.

A política indigenista, neste momento voltou-se para a repressão dos insubmissos de forma extremamente violenta. Propunha formas de conciliação através de tentativas constantes de aldeamento. Intensificava-se o processo de civilização que deveria ser realizado pelos padres.

A resistência de vários povos volta a tona demonstrando mais uma vez o insucesso das políticas indigenistas coloniais. Após vários conflitos ocorridos entre indígenas e colonos, aliados a doenças adquiridas pelo contato com os não índios, o que aconteceu foi a varredura destes povos do território do Vale do Mucuri.

O que se percebe é que as políticas indigenistas implantadas aconteceram de forma a não reconhecer as sociedades indígenas como modelos econômicos possíveis de sobrevivência, desconsiderando as relações autônomas de sustentabilidade, impondo um modelo externo de exploração da natureza como único possível de ser seguido.

Uma das tribos que conseguiu, apesar de todas as tentativas de extermínio, permanecer possuidora dos vários aspectos da sua cultura, foi a tribo Maxakali, que hoje encontra-se dividida em quatro aldeias no Vale do Mucuri³.

² PARAÍSO, Maria Ilda Baqueiro. *Os grupos Indígenas do Vale do Mucuri: seus deslocamentos e atitudes perante o avanço da sociedade nacional (1840-1890)*. Páginas 01-43. *XX Reunião Brasileira de Antropologia*, Salvador, 1996. P. 10

³ Aldeia Água Boa e Pradinho no município de Santa Helena e a Aldeia Verde, município de Ladainha e Aldeia Cachoeirinha, Topázio em Minas Gerais, as duas últimas existem a menos de dois anos.

Rubinger⁴ informa mais recentemente que foi a capacidade de flexibilidade deste grupo o fator que possibilitou a sua resistência tão expressiva, após 300 anos de exploração. Este grupo esteve por quatro vezes em situação de risco de eliminação durante todo o processo de colonização⁵. As diferenças na efetivação da colonização dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri foram relevantes nesse processo.

A região do Alto Jequitinhonha durante a colonização foi uma região de economia extrativo-mineral. Esta possibilitou uma maior exploração do trabalho compulsório indígena, e com isso a efetivação de lutas constantes e em condições desiguais entre estes povos e os colonizadores. Além disso, a população desta região era bastante densa, o que não possibilitava o refugio das tribos quando se iniciava a dizimação.

O Vale do Mucuri, no entanto, era uma região de economia basicamente agro-pastoril, comportando grandes propriedades, e apresentando baixa densidade demográfica. Neste sentido pode se compreender que o refúgio foi talvez o primeiro dos aspectos que contribuíram para a resistência Maxakali. Rubinger⁶ apresenta ainda a aliança do grupo com os neobrasileiros na luta contra os Botocudos⁷, como um fator que possibilitou a resistência física do grupo, já que os Maxakali eram menos numerosos e mais fracos.

A adoção da agricultura também foi um fator relevante para a sobrevivência do grupo. Os Maxakali são conhecidos como um povo caçador, coletor e nômade. Tiveram eles que se adaptar às práticas do plantio agrícola.

Pressão territorial, o deslocamento de parte do grupo e o surgimento da Aldeia Verde

A territorialidade maxakali perpassa os caminhos traçados pelos mesmos em suas andanças e fugas, mas para o que pretendemos neste artigo, convém reproduzir

⁴ RUBINGER, Marcos Magalhães. Maxakali: o povo que sobreviveu: estudo de fricção interétnica em Minas Gerais. In: RUBINGER, Marcos Magalhães. Et al. Índios Maxakali: resistência ou morte. Belo Horizonte: Interlivros, 1980. Pp. 9-117.

⁵ idem

⁶ idem

⁷ Os Maxakali lutavam contra os Krenak, que ganharam o nome pejorativo de Botocudos, devido ao uso de botoques, neste período pela disputa de território, quando eram inimigos históricos.

as informações de Curt Nimuendaju sobre o atual território dos Maxakali⁸.

Os Machacari consideram como terras desde tempos antigos habitavam na região das cabeceiras do Rio Itanhaém pela margem esquerda, e igualmente a situada em ambas as margens da Água Boa que despeja no Ribeirão do Norte, afluente também do Itanhaém, que corre paralelo ao Umburanas e a oeste dele (...) A terra apesar de ligeiramente acidentada, era ótima para a lavoura. Os Ribeirões Água Boa, Pradinho e Umburanas conduzem excelente água e nunca secam.

Hoje, porém, já dois terços desse paraíso dos índios lavradores e caçadores, que estava coberto de mata ininterrupta, estão transformados em vastas pastagens de capim-colônia, na sua maior parte sem uma única rez, pelos intrusos...⁹

Nimuendaju¹⁰ nos conta também, da ação de um senhor chamado Joaquim Fagundes, que declarava ter amansado os Maxakali e que gastara muito dinheiro para chegar a cabo do seu trabalho; seguindo esta lógica Joaquim Fagundes resolve vender as terras dos indígenas como forma de pagamento pelos gastos que afirmava ter dito. Como possuía uma boa convivência com os Maxakali vendeu as terras sem os mesmos perceberem. A presença destes novos intrusos não incomodou de imediato os Maxakali, mas logo surgiram conflitos com os intrusos que tentaram se arrogar de donos da terra, chamados por eles de “português ruim”.

Estes conflitos iniciais aprofundaram-se e ocorrem até os dias de hoje. A demarcação das terras deixou uma faixa de terrenos entre as duas Aldeias Pradinho e Água Boa, o que torna “comum” a ocorrência de conflitos entre indígenas e fazendeiros por conta de terras. No segundo semestre de 2005, após um processo de retomada de parte do território indígena, que divide as duas aldeias, aconteceu um conflito interno

⁸ A descrição dada por Nimuendaju refere-se às aldeias Água Boa e Pradinho.

⁹ NIMUENDAJU, Curt. “Índios Machacari”. *Revista de Antropologia*, p. 53-61.

¹⁰ Idem

entre os Maxakali, o que fez com que dois subgrupos tivessem que se retirar, e se estabelecerem em outros territórios, até que fosse realizada a compra de novas terras pela Fundação Nacional do Índio, FUNAI.

Um destes grupos é o grupo liderado por Noêmia Maxakali, que encontra-se desde janeiro de 2007, em um território comprado pela FUNAI, de 552 hectares de terra, no Município de Ladainha, Vale do Mucuri. Na Aldeia Verde, ou “Ham Yuxux”, habitam sessenta famílias somando mais ou menos 300 indivíduos, número flutuante devido aos constantes deslocamentos dos Maxakali.

A Aldeia Verde encontra-se ainda dividida em quatro outros “subgrupos”, que são representados cada qual por suas lideranças¹¹. Percebe-se, porém que um dos grupos apresenta-se como central, ocupando uma região onde geralmente acontecem as reuniões e onde encontram-se a casa de rezas e o terreiro para a realização dos rituais religiosos¹². O grupo que mantém este lugar é o de Noêmia Maxakali, que é vista como uma liderança “geral” dos subgrupos.

A região onde se localiza a Aldeia Verde no Município de Ladainha (MG) possui uma grande parcela de mata, elemento essencial para a realização da religião Maxakali, porém tem se apresentado como insuficiente para realizar a auto sustentação econômica do grupo. A maior parte da área é composta por morros e por um solo de baixa fertilidade. Ao percorrê-la pode se notar as roças de mandioca, que haviam sido plantadas há meses, e que apresentavam-se de forma bastante miúda, confirmando a precariedade do solo.

Recortada por riachos, pequenos córregos e até mesmo uma pequena cachoeira, o acesso pelos indígenas é dificultoso. A água em algumas áreas é de boa qualidade, como no grupo de Totó, e ainda não apresenta risco à saúde, porém em outros lugares, onde as crianças costumam tomar banho com frequência, apresenta-se como nociva acarretando frequentemente febre e diarreia nos *kitokos*¹³.

A pesca é realizada por homens e mulheres tanto com anzóis, redes, ou a

¹¹ Existe o Grupo de Totó, Grupo de Tavinho, Grupo de Noêmia e o Grupo de Pinheiro, este último no final de 2008 voltou para a aldeia de Água Boa, causando uma diminuição na demografia da Aldeia Verde.

¹² Os Rituais religiosos podem ser realizados em cada subgrupo, porém até o momento só existe um local onde todos os índios se reúnem.

¹³ Criança em Maxakali.

partir de uma técnica de utilização de uma planta que, quando colocada na água adormece o peixe possibilitando que se realize a pesca com a própria mão. A “floresta” abriga animais de pequeno porte para a caça, como a paca e o tatu, que são capturados com armadilhas (mundéu), sendo que animais como o jacaré e lontra não podem ser caçados, pois representam um referencial religioso nos rituais de cura.

A região oferece ainda bastante material para a realização de artesanato como sementes, madeiras e a fibra da umbaúba, que é utilizada pelas mulheres maxakali para a confecção de redes de pesca, bolsas, colares e brincos. Os artesanatos Maxakali são pouco valorizados pela população que envolve a aldeia, porém quando recebem visitantes ou quando partem para as cidades, sempre tentam vender algo que confeccionam.

O que se percebe é a enorme quantidade de ervas medicinais conhecidas e utilizadas por eles para a cura e prevenção de doenças, para pintura de rituais. Com os bambus (confeccionam um tipo de “apito” que é utilizado para chamar a criança do sexo masculino, quando está na hora de ser iniciada nos mistérios da religião). Lembremos que a religião é uma atividade essencialmente masculina, a Casa de Rezas só pode ser vista e ocupada por homens. Vários tipos de folhas são colhidos e utilizados, nos encontros religiosos com o sobrenatural.

O português é falado basicamente pelas lideranças. Na Escola Maxakali o indígena inicia o estudo desta língua somente após ter aprendido a língua Maxakali, geralmente depois dos sete anos de idade.

Figura 1. Mapa da Aldeia Verde feito pelo Povo Maxakali



Mata, ritual e yãmiy¹⁴

Ao analisarmos a história do Povo Maxakali, percebemos que a mata teve uma importância considerável no processo de resistência do grupo quando estes precisavam se refugiar. Porém a importância da mata na cultura Maxakali apresenta uma relevância ainda mais significativa, já que ela é considerada como um dos locais onde vivem os espíritos maxakali. Para os Maxakali um território é considerado bom, quando este possui uma mata, pois esta é tida como o local onde moram os espíritos.

Suely Maxakali na Semana dos Povos Indígenas¹⁵ em 2007, quando questionada sobre a importância da mata para a cultura Maxakali, diz:

É muito importante porque os nossos espíritos ficam dentro, e tem muita caça também, que nós, nossos pajé, considera como que essas caças também são espíritos, que há uma lei pra matar né. Têm umas caças que nós não podemos matar, que é o jacaré, dentro da nossa aldeia nós não podemos matar. Quando a gente saiu pra cá (novo território), agora nós estamos em uma terra, agora tem mato, mas a gente estamos gostando muito desta mata, porque nossos espíritos ficam aí

¹⁴ Expressão usada pelo Maxakali para designarem seus espíritos.

¹⁵ Evento ocorrido na UFVJM, em Teófilo Otoni/MG, Abril de 2007.

dentro, e também lá em Água Boa nós não fazíamos religião de dia não. Só fazia de noite porque não tinha mata também. Porque agora tá fazendo direto, é de dia, de noite até no outro dia, religião. Porque os nossos rituais também não é coisa pequena também, é coisa grandão.

É possível notar neste sentido que a concepção Maxakali não enxerga todo território como um elemento que deve ser voltado para a produção, sendo que este pode ser compreendido também como um elemento simbólico de sua cultura. Daí pode-se compreender uma percepção diferenciada da natureza, por parte do Maxakali, é uma percepção polissêmica que perpassa a espiritualidade e a materialidade necessária para o viver Maxakali.

Na Casa de Rezas, quando se inicia um ritual religioso é preciso estar com a porta virada para a mata. Nela as mulheres são proibidas de adentrar concentrando-se somente no terreiro. No centro do terreiro encontram-se “três troncos” que possuem um sentido religiosos (Pau da Religião, como dizem os Maxakali), chamados de Mi-manáum¹⁶. Eles atuam como via de comunicação entre o espírito e o ser vivo. São eles o tronco do morcego, da mulher e do gavião. Um canto acontece junto a esses troncos, em todos os rituais, geralmente puxados pelos membros mais velhos da tribo.

A religião tem providenciado estabilidade e continuidade, dando significado à existência dos indivíduos dessa tribo. Nessa cultura, a religião é papel masculino, e portanto, separa os homens das mulheres. É uma responsabilidade de todos os homens iniciados, sendo também uma força unificadora em toda a sociedade¹⁷.

A iniciação religiosa acontece quando a criança do sexo *masculino* está

¹⁶ Expressão usada por Nimuendaju, 1958.

¹⁷ POPOVICH, Frances Blok. A Organização Social dos Maxakali. *Dissertação Apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Texas*, 1980. PP. 1-51.

em média com 10 e 12 anos de idade. Chegada a hora da criança conhecer a Casa de Rezas, um membro da tribo passa em torno das casas emitindo um som, assobio com um pedaço de bambu como se fosse uma flauta, sendo que os pais das crianças acompanham os filhos até o local.

Na Casa de Rezas o menino vai aprender os segredos dos rituais. Lá permanece ficando lá durante um mês. Mesmo depois que a criança sai, o pai deve permanecer sempre por perto para evitar que ele comente algo com a mãe ou com outra mulher da tribo. Estas condições são perfeitamente compreensíveis pelas mulheres, que concordam ser uma característica cultural que deve ser respeitada.

Figura 2. *Kuxex* ou Casa de Rezas do Povo Maxakali



Na religião Maxakali existem vários espíritos, sendo que todos encontram-se relacionados com algum animal da floresta. Suely Maxakali fala sobre a variedade de espíritos na iniciação religiosa:

Só os meninos homens... e não é só meu só não.
Pega de uma ali, pega de outro ali, pega de outro ali. Mas não é só um religião (espírito) que pega só não. Um espírito de gavião, um espírito de morcego, um espírito ou outro ali, espírito de toda caça. E todo espírito da caça que vão pegar ele tem uma pintura diferente. (SUELY MAXAKALI)

Os Yãmiy, ou espíritos do canto, durante o ritual religioso, saem da mata e vêm encontrar com os indígenas para trazer proteção e ensinamentos. Eles tem domínio e dão significados às ações, de forma contínua.

O fluxo correto dos Yãmiy, implica o próprio processo de construção do conhecimento e da recriação e reordenamento da tradição. O conhecimento pertence aos espíritos e os homens só têm acesso a eles através da realização dos ciclos cerimoniais chamados Yãmiyxop. O que permite a atualização do conhecimento é a relação entre os espíritos e os humanos¹⁸.

Durante o ritual religioso são realizadas partilhas de alimentos. Geralmente compartilha-se um animal de médio ou grande porte, o que representa para o grupo a ação da solidariedade e reafirmação da sua identidade. É neste momento, quando há o encontro entre os dois mundos, de acordo com Oliveira¹⁹, que o corpo se espiritualiza e a alma se corporifica.

As ações realizadas no cotidiano dos Maxakali possuem ligação muito próxima com os rituais por eles realizados. Uma ação não ocorre aleatoriamente, mas sim a partir de um conhecimento adquirido pela experiência vivenciada.

A morte de um indivíduo Maxakali, quando ocorre de forma violenta, pode causar desintegração no grupo; a casa e os pertences do morto devem ser queimados para evitar a lembrança e o sofrimento dos parentes. Em caso de homicídio a justiça acontece de forma recíproca. Os parentes da vítima podem vingar-se do assassino, matando-o. Na concepção Maxakali quando ocorre este tipo de morte, a alma do morto fica desorientada e tenta voltar para algum corpo geralmente de um parente, o que poderá trazer doenças ou até mesmo a morte. Neste sentido acontece o luto da família e ao mesmo tempo o medo do aparecimento da alma do parente²⁰. Os Maxakali

¹⁸ PENA, João Luiz. Os índios Maxakali: a propósito do consumo de bebidas de alto teor alcoólico. *Revista de Estudos e Pesquisas*, p. 99-121, dez. 2005.

¹⁹ OLIVEIRA, Luciane Monteiro. “Razão e Afetividade: A iconografia Maxakali marcando a vida e colorindo os cantos”, 2006.

²⁰ POPOVICH, *opus cit.*

também acreditam, como muitos povos indígenas, que os seus mortos possam virar animais, neste sentido quando enterram seus mortos costumam enfiar um pau cumprido bem na altura do coração e vão lá periodicamente verificar se o morto verdadeiramente morreu, quando há uma dúvida eles queimam a sepultura. Numa de nossas visitas aos Maxakali de Topázio verificamos uma sepultura que tinha sido queimada há pouco tempo com gasolina; o motivo apresentado fora de que o morto tinha virado “bicho”.

É possível propor que a relação natureza e cultura estabelecida pelos Maxakali apresenta um olhar horizontal sobre a natureza, colocando os elementos desta em uma mesma posição ocupada pelo ser humano. Esta visão encontra-se representada nas ações do cotidiano que são direcionadas a partir do encontro com o sobrenatural, durante os rituais religiosos.

Referências bibliográficas

- AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1850*. Instituto Nacional do Livro/Ministério da educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1961.
- DUARTE, Regina Horta. *Olhares Estrangeiros. Viajantes do Vale do rio Mucuri*. *Revista Brasileira de História*, Vol. 22. São Paulo, 2002.
- MISSAGIA MATTOS, Izabel. *Civilização e Revolta: Os Botocudos e a catequese na província de Minas*. Bauru, EDUSC, 2004.
- NIMUENDAJU, Curt. *Índios Machacari*. *Revista de Antropologia*, VI, No 1, São Paulo, 1958, p. 53-61.
- OLIVEIRA, Luciane Monteiro. *Razão e Afetividade: A iconografia Maxakali marcando a vida e colorindo os cantos*. Tese apresentada como exigência parcial para obtenção de título de Doutora em Educação, na área de *Cultura, Organização e Educação* no Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2006, São Paulo.
- OTONI, Teófilo. *Notícia sobre os selvagens do Mucuri*. Org. Regina Horta Duarte. B.H: Editora UFMG, 2002.
- PARAÍSO, Maria Ilda Baqueiro. *Os grupos Indígenas do Vale do Mucuri: seus deslocamentos e atitudes perante o avanço da sociedade nacional (1840-1890)*. Páginas 01-43. *XX Reunião Brasileira de Antropologia*, Salvador, 1996.

PENA, João Luiz. Os índios Maxakali: a propósito do consumo de bebidas de alto teor alcoólico. *Revista de Estudos e Pesquisas*, FUNAI, Brasília, v.2, n.2, p. 99-121, dez. 2005.

POPOVICH, Frances Blok. *A Organização Social dos Maxakali*. Páginas 01-51. *Dissertação Apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Texas*, 1980. Composto pela Sociedade Internacional de Linguística. Cuiabá, MT.

RUBINGER, Marcos Magalhães. *Maxakali: o povo que sobreviveu: estudo de fricção interétnica em Minas Gerais*. In: RUBINGER, Marcos Magalhães. Et al. *Índios Maxakali: resistência ou morte*. Belo Horizonte: Interlivros, 1980. P. 9-117.